



**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE
JANEIRO INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E
SOCIAIS DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA**

Em *Légitime Défense*: Surrealismo e Anticolonialismo.

Carlos Eduardo de Oliveira Silva Cassiano

Seropédica/RJ
Julho de 2024



**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE
JANEIRO INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E
SOCIAIS DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA**

Em légitime Défense: Surrealismo e Anticolonialismo

Carlos Eduardo de Oliveira Silva Cassiano

Trabalho apresentado como requisito
parcial para obtenção do grau de
Licenciado em Filosofia, sob orientação
do Prof. Dr. Pedro Hussak Van Velthen
Ramos.

Seropédica/RJ
Julho de 2024

**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE
JANEIRO INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E
SOCIAIS DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA**

Carlos Eduardo de Oliveira Silva Cassiano

Monografia submetida como requisito parcial para obtenção do grau de **Licenciado em Filosofia** no Departamento de Filosofia.

MONOGRAFIA APROVADA EM **/**/20** com média:

Nota:

Prof. Dr. Pedro Hussak Van
Velthen Ramos – UFRRJ
(Orientador)

Nota:

Prof. Dr. Bruno Bahia Menezes – UFRRJ

Nota:

Prof. Dr. Luís Carlos Ferreira dos Santos – UEFS

Nota:

Prof. Dr. Maurício Barros de Castro – UERJ

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer, antes de tudo, ao belo selvagem e canibal por ter se vislumbrado a mim rasgando os olhos e paralisando os dedos, com sabor de suor e sangue, motor necessário para a produção desse trabalho.

À minha mamãe Elisane, ao meu papai Eduardo e a minha vovó Vera que carregaram o mundo nas costas para que meu irmão e eu não precisássemos bancar o Atlas.

Ao Prof. Dr. Pedro Hussak van Velthen Ramos, meu orientador e responsável por eu não ter desistido da filosofia, mostrando as frestas que davam o oxigênio necessário para continuar. Meu eterno obrigado!

Ao grupo de estudos e pesquisa em Estética e Pensamento contemporâneo. Obrigado pelas vastas manhãs de muito trabalho, diversão e confusão.

Aos professores do departamento de filosofia, em especial ao Walter, a Cristiane, a Nelma e ao Bruno Bahia, capazes de inspirar mentes e formar pessoas através do seu jeito de ensinar, isso não tem preço.

Ao meu grupo de amigos Vendedores de Artes tão vitais para essa jornada quanto é respirar.

Aos meus amigos que fiz durante a graduação, em especial ao Denizard, Bruna, Pâmela, Lorraine, Manu Nolasco, Júlia, Bruna Conceição, Vitória, Lokin, Paula, Augusto e Paulo. Esses indivíduos foram capazes de me mostrar que o amor realmente mora na filosofia.

Aos meus amigos Sandro, Guilherme e Gustavo que me lembram, diariamente, de que eu sou capaz.

Aos meus amigos que fiz no CCB-BR durante minha estadia de trabalho, que me aturaram por 6 horas diárias e depois por 8 horas diárias falando sobre filosofia, em especial

a Catharina, Valentina, Davi, Victor, Amanda, Mel, Manu, Júlia, Rodrigo e Philipe, obrigado por tudo.

A Gabriela, parceira de graduação, pesquisa e amiga na vida, nada disso seria possível sem você.

A Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, situada no município de Seropédica, tão potente na produção de intelectualidade brasileira quanto na sua beleza.

E a todos aqueles que, de alguma forma, contribuíram nessa jornada.

Viva a ciência brasileira!

*Dedico esse trabalho ao meu irmão, responsável por toda a
minha vontade de mudar, minimamente, o mundo em que estamos. Para
que no futuro ele possa se preocupar apenas com sombra e água fresca.
Pedro, eu te amo!*

*Surrealismo, corda estirada de nossa
esperança.
Suzanne Césaire, 1943.*

RESUMO

O presente trabalho busca investigar as manifestações anticoloniais presentes no movimento surrealista, sobretudo, na corrente de seus fundadores, os surrealistas parisienses. Deste modo, este trabalho se desdobrará em três campos: primeiro o da história do surrealismo propriamente dita, demarcando as ações anticoloniais presentes na primeira corrente do movimento; o segundo tratará de identificar quais desdobramentos e consequências tais ações geraram, a partir da adesão política do movimento, visto que o surrealismo se manifestou em vários outros continentes, sobretudo, naqueles onde a colonização esteve presente; o terceiro e último campo deter-se-á na apresentação do surrealismo negro e como os intelectuais negros instrumentalizaram tal movimento nos territórios colonizados, em especial a Martinica.

Palavras-chave: Anticolonialismo; Surrealismo; Martinica; Césaire.

ABSTRACT

This work seeks to investigate the anti-colonial manifestations present in the surrealist movement, especially in the current of its founders, the Parisian surrealists. This work will therefore be divided into three areas: firstly, the history of surrealism itself, demarcating the anti-colonial actions present in the first current of the movement; the second will try to identify what developments and consequences such actions generated, from the political adherence of the movement, since surrealism manifested itself in several other continents, above all, in those where colonization was present; the third and final field will dwell on the presentation of black surrealism and how black intellectuals instrumentalized such a movement in colonized territories, especially Martinique.

Keywords: Anticolonialism; Surrealism; Martinique; Césaire.

Sumário

Introdução.....	10
1 - O espectro Surrealista ou uma breve historicização política.....	12
1.1 – O Surrealismo como mito de reencamento	14
2 - O Surrealismo e a sua política	17
2.2 – A iconografia do colonizado, ou o fetiche do Outro no surrealismo	23
3 – Martinica encantadora de serpentes, ou o mergulho no inconsciente negro..	26
3.1. – Légitime Défense, revista-manifesto	28
3.2. – L'étudiant Noir, o internacionalismo negro	30
3.3. – O Surrealismo Negro	31
Considerações finais.....	34
Referências bibliográficas	36

Introdução

A História em seus processos tende a classificar os indivíduos em movimentos, sejam artísticos, políticos ou sociais. No entanto, inserir um movimento em si é conscientemente inserir na história um modelo classificatório, assim como se fez e se faz na história da arte. Neste sentido, citemos as vanguardas europeias, desde sua primeira manifestação, o impressionismo, até a sua última, o surrealismo, como processos inseridos propositalmente no tempo histórico a fim de classificar indivíduos em esferas comuns. Contudo, essas esferas eliminam, de maneira proposital ou não, outras, de modo a jogar para as margens aqueles que não se enquadram em certos padrões, sejam eles racionais, emocionais ou, também, estéticos. A tradição da história da arte não foge dessa finalidade de delimitar e de eliminar, convencendo nossos olhares a uma só esfera, como a dos surrealistas parisienses, e assim, eliminando outras, como os surrealistas francófonos, mas que viviam fora de Paris e, ainda assim, contribuíram de maneira magistral ao movimento, tomando-o como ferramenta estética e política, para além de artística. Essa mesma tradição tende ainda a eliminar do movimento surrealista o seu caráter político, anulando também suas manifestações anticoloniais, esvaziando o movimento e tornando-o, sobretudo, um movimento essencialmente ocidental. Proponho que vejamos um pouco mais a fundo, contemplando o cerne do surrealismo em sua totalidade ou não totalidade, já que não se fala ainda em um fim da atividade surrealista. Dessa forma, analisar-se-á o escopo do surrealismo, suas manifestações políticas ao longo de sua atividade e, por fim, observaremos como o surrealismo atuou fora de seu círculo parisiense.

Se Aragon, em *Le Paysan de Paris*¹, anunciava o Surrealismo como “acontecimento de pequena grandeza”, demonstrou-se ao longo dos anos que sucedeu o movimento e demonstra-se até hoje que, de pequeno, nada havia. Talvez ainda não soubessem aqueles que se reuniram em torno de Breton e proclamaram o surrealismo, o quão grande ele viria a ser, pairando não só nas vanguardas francesas, mas se desdobrando em outros espaços e em outros continentes. Mas, ainda que o movimento surrealista tenha viajado a ultramar, ou melhor, *ultramares*, a essência se manteve intacta: seu caráter revolucionário e o compromisso de emancipação social e coletiva. Dessa maneira, seria

¹ ARAGON, Louis. *Le Paysan de Paris*. Gallimard Education, 1998. Paris.

risório tentar limitar o surrealismo simplesmente ao campo da arte, seria simplificar um movimento que, desde os seus primeiros suspiros, já anunciava o que pretendia: uma revolução por completo, primeiro a do indivíduo para que, assim, se transformasse o coletivo social. Contudo, Breton já parecia ter ciência disso, de seu caráter penetrativo, ao colocar o surrealismo a serviço da sociedade e a da revolução, sendo extremamente combativo ao racionalismo ocidental e se aproximando cada vez mais das outras formas de existir, dando mais atenção a cultura do Outro, o que consequentemente culminaria no apoio e na adesão da luta anticolonial. Creio que seja de extrema importância ressaltar que este trabalho não seria, de forma alguma, uma defesa da teoria surrealista ante as tendências intelectuais contemporâneas, isto é, não precisamos exortar no surrealismo um espírito decolonial, ou, como adotaremos neste trabalho, anticolonial. Como já citado acima, esse espírito é inerente ao surrealismo; ele existe, na verdade, em contraposição a uma tradição da história da arte e da estética que consiste em esconder de maneira consciente as contribuições de pessoas não brancas e, também, daqueles que não viviam no “polo intelectual” dos séculos passados, ou seja, a Europa². Dito isso, neste trabalho, revisitaremos parte da tradição histórica que se deseja falar do surrealismo a fim de trazer à vista, minuciosamente, tais contribuições, demonstrando assim, o caráter revolucionário desde os primeiros suspiros do movimento para só então vermos com lentes mais contemporâneas, de que maneira o surrealismo atuou fora da França diagonal. Existe, de fato, uma certa ingenuidade ao tentar falar de surrealismo sem antes visitar seu tempo histórico. Falar de um movimento que ultrapassa as barreiras da arte, porque entra no campo político e social, necessita de uma contextualização do momento em que se foi concebido. Dessa forma, trabalharemos em um primeiro momento na análise histórica e filosófica do movimento, falando de seus primeiros anos; passado esse primeiro momento, entraremos na questão política do surrealismo, revisitando documentos históricos e posições, por parte dos surrealistas parisienses, estritamente anticoloniais; e, por fim, abordaremos como o surrealismo foi incorporado nos círculos dos estudantes negros da França do século XX, trazendo reverberações importantes no campo das lutas de movimentos negro, como a própria escola da Negritude.

² Adota-se aqui uma linha de raciocínio presente nos estudos de Franklin Rosemont e Robin D.G. Kelley. Ambos entendem que a elaboração de um movimento surrealista ordinariamente branco foi e é um movimento consciente por parte daqueles que elaboraram a vasta literatura sobre o movimento, nos trazendo a ideia de que os surrealismos de fora da França, não seriam legítimos, ou, de alguma forma, seriam secundários. Ver: Black, brown, & beige: surrealist writings from Africa and the Diaspora. Texas Press, 2009.

1 - O espectro Surrealista ou uma breve historicização política

Não é mais possível considerar o surrealismo sem situá-lo no seu tempo.

*Louis Aragon.*³

O surrealismo começa diferindo radicalmente das vanguardas anteriores, porque, na verdade, o seu espírito já existia muito antes de 1924, quando se lança o primeiro manifesto. Em 1917, o poeta Guillaume Apollinaire cunha o termo pela primeira vez, em oposição ao termo “sobre naturalismo”, já que tal termo já existia nos dicionários, dificultando o seu uso para os devidos fins, que era definir sua própria poesia. Em carta ao poeta dadaísta Paul Dermée, Apollinaire descreve:

[...] creio, com efeito, que será melhor adotar Surrealismo que sobre-naturalismo, que eu havia empregado anteriormente. Surrealismo ainda não se encontra nos dicionários, e será de mais fácil manuseio que sobre-naturalismo já empregado pelos filósofos.⁴

Essa necessidade de usar um termo que ainda não fora usado, não me parece mero acaso, tendo em vista os seus significados nos dicionários e a transposição ao realismo que o poeta propunha: uma subversão dos valores tradicionais vigentes na época, através de sua poesia. Além disso, no seu manifesto sobre *L'Esprit nouveau*, Apollinaire chama a atenção para uma nova categoria, com a chegada do fim do realismo exacerbado: não se necessita agora de uma poesia de espírito regrado, mas sim de uma poesia - e portanto, de poetas -, que atentem ao mais minucioso fato do quotidiano, pois está ali a alavanca do poeta. Temos então o primeiro suspiro do surrealismo. Decerto é daí que nascerá o que viríamos a conhecer como *O último instantâneo da inteligência europeia*, tal como nos conta Walter Benjamin, em seu ensaio sobre o movimento surrealista⁵. Contudo, é só em 1924 que, de fato, teremos um movimento concatenados em ideias, por seu pai-poeta André Breton, com a publicação do manifesto e também da revista *Révolution surrealiste*.

³ ARAGON, Louis. Apud M. Nadeau. P.13.

⁴ G. Apollinaire apud M. Nadeau. P.21

⁵ Ver: Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 2012.

Efetivamente, houve na história das sociedades ocidentais, sobretudo a Europa, um motor pulsante em prol de uma modernização das ideias políticas, sociais e culturais, ascendendo a uma ideia de progresso⁶. Na Europa, desde o século XVIII, houve a fundação de um projeto que muda totalmente os rumos para os quais o mundo caminharia, o projeto racionalista. O Iluminismo, como o movimento histórico foi denominado, traz consigo um novo modo de pensar, rompendo com os dogmas religiosos em prol do conhecimento científico, empírico, em busca de um ideário progressista, que levaria a sociedade rumo ao desenvolvimento no campo sociocultural e político, a saber, Lopes Filho (2017), explica:

Adota-se a razão organizadora como sendo o cerne de um saber por deveras esclarecido em oposição a ignorância atribuída a mentalidade religiosa característica da era medieval, cedo a elite intelectual que desponha frente ao já instável poder do clero, assumira a vanguarda do saber, atribuindo a racionalidade científica o símbolo da superação caracterizado enquanto passagem de um estado a outro no tempo.⁷

Nesse contexto, podemos entender como o iluminismo não foi um acontecimento ao acaso na história, sendo compreendido também como uma passagem temporal, de uma época a outra, a saber, da “idade das trevas”, como fora pejorativamente chamada a era medieval, para o renascimento, que seria a mola necessária para o que viríamos a conhecer como o século das luzes. Ainda que a discussão sobre medievalidade e renascimento não seja diretamente do nosso interesse, ao menos neste ponto, é importante para se ter noção de que os eventos que transcorrem na história, dificilmente serão desassociados ou alheios no tempo, na verdade, é dessa forma que conseguimos compreender mais primor como e porque surge aquilo contra o quê os surrealistas irão se declarar proeminentemente contra: o uso desenfreado de uma racionalidade em prol de um progresso fadado ao fracasso. Se o iluminismo surge como uma promessa de avanço, esclarecimento ou qualquer outra palavra que se queira usar, o mundo entre guerras prova que ele também pode surtir um efeito contrário, surgindo como um mito na modernidade, nesse sentido, o rumo que se segue a partir dessa racionalização da Europa, seria o desencantamento do próprio mundo ocidental.⁸ Em *Dialética do esclarecimento*, Adorno

⁶ Nesse sentido, insere-se aqui também a modernização dos modos de produção, assim como Adorno & Horkheimer apontam em seu livro *Dialética do Esclarecimento*.

⁷ Ver: LOPES, Filho. A genealogia do progresso: concepções a partir do iluminismo europeu. P.166.

⁸ O termo “Desencantamento do mundo” é utilizado como fio condutor da metodologia sociológica de Max Weber (1864-1920) que, como acentua Peirucci (1945-2012), entraria em prática com dois sentidos distintos, mas que se confluem: o desencantamento do mundo pela religião e o desencantamento do mundo pela ciência. Neste trabalho, será empregado o termo entendendo-o a partir do desencantamento pelas duas vertentes, já que tanto a troca da magia pela religião ética (Weber, 1905), quanto a

e Horkheimer apontam a ideia de racionalização na modernidade como um mecanismo de autopreservação de si, ou seja, o homem tendo que largar mão de alguns costumes para se preservar de alguma forma; nesse contexto, o “largar mão” aqui pode ser entendido como o abandono dos mitos e da magia, a racionalização dos fatos naturais em prol do progresso, envolvendo também outros acontecimentos, já que os autores explicam que tais fenômenos não acontecem de maneira linear. Pode-se entender também que parte desse fenômeno, a dizer, a racionalização da modernidade, vem muito do que se entendia do conceito de ciência naquela momento e do sentido de progresso dado a sociedade:

No sentido mais amplo do progresso do pensamento, o esclarecimento tem perseguido sempre o objetivo de livrar os homens do medo e de investi-los na posição de senhores. Mas a terra totalmente esclarecida resplandece sob o signo de uma calamidade triunfal. O programa do esclarecimento era o desencantamento do mundo.⁹

Nesse sentido, o surrealismo passa a operar como um movimento de revolução e reconstrução de um imaginário e também de uma sociedade encantada. Esse encantamento, aponta Breton (1929), pode passar por várias esferas, desde a estrutura política fundante de uma sociedade, até a arte que ela pode desenvolver. Assim, os surrealistas parisienses passam a valorizar algumas práticas que não só foram abolidas com o advento da modernidade, como as religiões praticadas no continente africano e suas artes, como também passaram a dar importância às artes feitas por indivíduos que eram considerados “loucos” e às artes das crianças.

1.1 – O Surrealismo como mito de reencantamento

Michel Löwy (2000) pontua como o mito¹⁰ assume um papel fundamental na reconstrução do mundo entre guerras, o que vai aparecer de mais caro no entendimento dos surrealistas no tocante ao projeto de reencantamento do mundo. O surrealismo, enquanto vanguarda, sugere também a sua aparição como um mito novo, não um mito salvador ou que pensa no mundo com um certo paternalismo inerente aos mitos

modernização através da ciência (Iluminismo), seriam formas de desencantar o mundo no entendimento da filosofia surrealista. Para uma melhor explanação desse tema, separarei um capítulo onde abordaremos a política no movimento surrealista.

⁹ ADORNO, Theodor W.; HORKHEIMER, Max. 1985. P.19.

¹⁰ Aqui o mito é entendido na figura do discurso que os surrealistas faziam, se contrapondo ao racionalismo europeu e dando mais valorização a cultura do outro.

ocidentais, mas sim como uma proposta revolucionária estética e política para reencantar o mundo no qual se está materializado. Assim, o surrealismo torna-se a figura central, compreendendo, para além de uma vanguarda, uma postura filosófica e estética. Naturalmente, quando falamos nesse movimento, normalmente se faz referência às suas manifestações artísticas, e se explora pouco o seu caráter filosófico, revelado, por exemplo, no hegelianismo de Breton. Isso sem falar no seu conteúdo político, que dará forças a revolução de espírito e transformação da vida.

Dessa maneira, fica mais compreensível a passagem que abre o *Manifestos do surrealismo* (1924), publicado logo após o surgimento do *Centro de pesquisas surrealistas*: “Tamanha é a crença na vida, no que a vida tem de mais precário, bem entendido, a vida real, que afinal esta crença se perde.”¹¹ Essa primeira passagem abre para os leitores um leque de definições sobre o que seria então o surrealismo, seus usos e seus sentidos. Como já foi citado acima, de fato a palavra não será inaugurada por Breton, visto que Apollinaire já a havia cunhado em seus escritos, no entanto, é no primeiro manifesto que veremos ela ganhar algum sentido para além de nomear algo. É interessante ver que, já no primeiro parágrafo, há uma crítica ao que categorizamos acima como “racionalismo exacerbado”. Essa crença na vida seria sobretudo, um desprendimento do homem com a sua esfera dos sonhos, caracterizando, como próprio Breton cita na passagem, “um desgosto ao destino”, já que ele entende o ser humano (no manifesto usa-se a palavra “homem”) como sendo um sonhador por definitivo, quase como que uma essência. Vale salientar que esse “homem sonhador” não é tal como se entende no senso comum, pois para o poeta surrealista, ser um homem sonhador, é ser um homem livre:

Entre tantos infortúnios por nós herdados, deve-se admitir que a maior liberdade de espírito nos foi concedida. Devemos cuidar de não fazer mau uso dela [...] só a imaginação me dá contas do que pode ser e é bastante para suspender por um instante a interdição terrível.¹²

De fato, compreendeu-se por algum tempo que o surrealismo colocava de maneira hierárquica, o que estaria na esfera do inconsciente em relação à racionalidade. Na verdade, contudo, o que propõe o surrealismo é exatamente o oposto: a quebra de hierarquia entre o real e o irreal, o que o torna uma espécie de realismo absoluto, como aponta Giraldes (2021):

o surrealismo não desistia da verdade e assim buscava uma forma mais profunda de compreensão do real. Pretendia desse modo um

¹¹ BRETON, A. *Manifestos do surrealismo*, p.33

¹² Idem, p.35.

realismo que fosse mais radical, que tomasse por objeto o sobre-real, o todo que não se reduz à mera facticidade dada que conduz à alienação.¹³

Ainda que se date o manifesto do movimento surrealista só em 1924, inaugurando também o escritório de pesquisas, as atividades destes já datavam desde 1919, com *Les Champs Magnétiques*, em que veremos umas das técnicas que Breton, aventurando-se nos seus estudos freudianos, denominará como o automatismo, ou também, a escrita automática. Chénieux-Gendron (1992), define a técnica da seguinte forma:

O automatismo é um modo de produção de texto escrito, mas também de fala (no sono hipnótico), ou ainda de grafismo. Escrever, falar, desenhar de tal modo que se dissipe o controle da razão e do gosto, e até mesmo que a consciência de si seja posta em surdina em proveito da mão que escreve, que traça sinais gráficos, ou da palavra que se profere: há um questionamento do sujeito por ele mesmo e do sentido de toda a palavra, de toda e qualquer comunicação humana.¹⁴

É aqui então que começamos a ver um outro lado de Breton, que, além de poeta, é também ex-estudante de medicina. Animado pelos escritos freudianos a respeito do inconsciente, em particular a questão da interpretação dos sonhos e de como poderíamos analisar tais objetos, ele começa a aplicar em si mesmo essa técnica de exame que fora, antes, utilizada por ele em seus pacientes no período da primeira guerra. Segundo ele, o automatismo possibilitaria o surgimento de um sujeito crítico por meio da palavra, sem nenhuma reticência ou julgamento, através do pensamento quase que falado, isolando o sujeito de qualquer perturbação externa e de qualquer controle racional. O processo de escrita automática, comparada quase que diretamente com a técnica psicanalítica da “associação livre”, descoberta de Sigmund Freud (1856), no campo da psicanálise, em que o médico encorajava o paciente a dizer tudo aquilo que viesse à sua mente, sem dar lugar a pensamentos disciplinados. Ainda que a escrita automática seja pensada, caindo em uma redundância, no campo da escrita, também será possível aplicá-la nos outros ramos das artes, como farão muitos dos surrealistas que se aventuraram nesse campo, como André Masson e Marx Ernst. Sendo assim, observa-se o automatismo tanto no campo escrito, quanto no campo das imagens, trazendo uma espécie de corpo técnico ao surrealismo, pois é em virtude dessas técnicas, que conseguiremos vislumbrar o surrealismo na realidade. Outra descoberta freudiana que Breton se animará será o lugar

¹³ GIRALDES, Marcos. Surrealismo: acaso e revolução. p.1-4.

¹⁴ CHÉNIEUX-GENDRON, J. O Surrealismo, p.55.

dos sonhos na vida cotidiana dos indivíduos, entendendo-o como um acesso ao que ele chamou de “maravilhoso”, conforme os expressasse artisticamente, diferenciando de Freud, que entendia os sonhos como objetos de análise.¹⁵

Dessa forma percebe-se que o surrealismo não tem, em seu núcleo significativo, a noção de sobrepor o real e o irreal, de maneira hierárquica, como já notado antes, mas também não pensa a materialidade concreta e aquilo que está no subconsciente, nos sonhos, como maneiras dicotômicas. Na verdade, o surrealismo é uma postura que rompe com essa dicotomia¹⁶, trazendo aquilo que está no inconsciente para o real, permitindo, assim, que o plano onírico emane na realidade objetiva. Essa oniricidade não se dá só no plano místico, visto que o surrealismo é herdeiro de duas tradições a princípio opostas: o marxismo e o romantismo, como entende Löwy¹⁷; esse plano onírico traduz-se então em uma junção do real e do irreal, criando não só essa terceira realidade, mas também um plano de possibilidades palpáveis no sentido político para vozes que, antes, eram oprimidas. Cai por terra, na estética surrealista, a ideia de binariedade e entra em curso aqui aquilo que é contra-racional, o encruzamento de dois contrários capazes de serem tomados como arma na luta anticolonial, o surreal.

2 - O Surrealismo e a sua política

“Transformar o mundo”, disse Marx; “mudar a vida” disse Rimbaud: estas duas palavras de ordem, para nós são uma só.¹⁸

Será então a partir do segundo manifesto surrealista (1930), que o grupo mudará de maneira radical a sua posição estético-política na sociedade, que eles começam a unir a teoria à prática, produzindo uma práxis surrealista. Em *Qu'est-ce que le surréalisme?* (1934), Breton definia o movimento em dois atos: intuitivo e raciocinante. Essa definição será importante para compreendermos não só o que Breton pretendeu com o segundo manifesto, como também algumas relações fundamentais dos surrealistas parisienses com os editores da *Clarté*, revista que pairava sob os agitos do Partido Comunista Francês

¹⁵ Ver: EVORA, Reboledo G. Da embriaguez à infância: a arte política surrealista em Walter Benjamin e Theodor Adorno. p.14.

¹⁶ Ainda que essa noção seja amplamente difundida entre os pesquisadores da área, me refiro aqui aos estudos de Evora (2021), em que tal pensamento se torna tema central para pensar o surrealismo também como uma corrente estética-política.

¹⁷ LOWY, Michael. 2002. P.15-19.

¹⁸ BRETON, A. 1935, Discurso no Congresso dos escritores de Paris. In: Manifestos do Surrealismo, 1985. Editora Brasiliense.

(PCF). Além disso, será a partir desse momento que veremos a guerra do Marrocos (1925) revoltar os surrealistas de tal maneira que, enquanto toda a grande maioria da intelectualidade francesa se firmava ainda mais sobre um “espírito nacionalista”, teremos alguns outros intelectuais, principalmente os de esquerda, voltando-se contra esse sentimento e declarando-se contra o avanço do exército francês em território marroquino.

No decorrer da história do grupo surrealista, e de suas ações, Breton observa a necessidade de uma “passagem”, como explica Nadeau (1985), entre o primeiro momento do movimento e o segundo. Tal passagem dar-se-ia, posteriormente pelo período em que ficará marcado como o raciocinante, quando o grupo começará a discutir se o surrealismo é por si só uma revolução, ou se deveriam entre escolher entre ser surrealistas ou ser revolucionários. Ora, vejamos então a declaração transmitida por Raymond Queneau à imprensa, em 27 de janeiro de 1925, a fim de trazer à tona o quadro de vida do surrealismo:

[...] O surrealismo não é um meio de expressão novo ou mais fácil, nem mesmo uma metafísica da poesia. É um meio de liberação total do espírito e de tudo o que lhe assemelha.¹⁹

E mais a frente:

[...] Somos especialistas da Revolta. Não há um meio de ação que não sejamos capazes de empregar, se necessário...

O surrealismo não é uma forma poética.

É um brado do espírito que se volta para si mesmo e está decidido a romper desesperadamente seus entraves.

E se necessário com martelos materiais.²⁰

Ora, deve-se lembrar que é exatamente pelos anos de 1925, como bem nos lembra Nadeau²¹, que Breton começa a se aprofundar nos escritos de Trotsky, que futuramente, dará um ar de esperança aos surrealistas envolvidos na luta política, após romperem com o PCF. Em determinado momento, a linha de atuação do PCF se afasta da do círculo surrealista parisiense, devido ao pouco interesse dos comunistas pela cultura dos povos colonizados, algo muito valorizado pelos surrealistas, fazendo com eles considerem a alienação colonial para além da visão do PCF²². Nesse contexto, é interessante observar que os surrealistas começam a se aproximar mais da etnologia francesa, apesar de ainda terem reservas em relação à nova antropologia devido à sua solidariedade com o colonialismo. É a partir daí que a aproximação com a antropologia francesa começa a aparecer. Além disso, o surrealismo, depois do segundo manifesto começará a pautar-se

¹⁹ QUENEAU apud Nadeau, 1985, p.68.

²⁰ Idem, p.68-69. (Grifo meu)

²¹ Idem, 1985, p.65-81.

²² LECLERCQ, Sophie. 2003. P.318.

nas lutas a partir do materialismo dialético, constituindo assim uma revolução que não seja puramente ideal, mas que consiga de fato transformar o plano social, mas agora, com uma consciência por detrás disso, os valores do materialismo dialético.

Talvez devamos, com os mesmos olhos do Breton de 1935, ainda hoje, enxergar o surrealismo. O período raciocinante, heróico, seja lá como queiram chamar, não é apenas uma parte do movimento - ainda que isso apareça com mais força a partir dos escritos posteriores a 1925 -, mas esse período deve ser visto como o resultado de um processo que se iniciou ainda nos primeiros momentos pré-surrealismo.²³ É neste contexto, então, que abordaremos dois momentos importantes para a história do grupo de surrealistas parisienses e sua consolidação enquanto um movimento político-estético, a Guerra do Marrocos (1920-1927) e a abertura da Exposição Colonial de Paris (1931), entendendo-os como ações surrealistas em prol de uma política direcionada ao anticolonialismo.

Nesse sentido, Maurice Nadeau caracteriza que o verdadeiro divisor de águas para o surrealismo se engajar politicamente foi a Guerra de Marrocos. Enquanto o exército francês avançava em território marroquino, acontecia em solo nacional, grandes movimentações a favor da ajuda da França oferecida a Espanha, mas ocorriam paralelamente também fortes embates contra o avanço do exército francês. Os surrealistas parisienses se juntam então aos intelectuais comunistas da *Clarté* em prol de uma frente única, deixando de lado todos os embates intelectuais que ocorreram no passado entre eles. Do outro lado, estavam os intelectuais que tomavam partido a favor desse genocídio, os intelectuais ao lado da pátria, chegando a lançarem um manifesto.²⁴ Para Nadeau, o que mais pesou aos surrealistas, para que eles se juntassem aos intelectuais da *Clarté* em uma frente única, foi o fato de estarem sendo impelidas contra um povo colonizado, armas de poderio bélicos jamais vistas antes, como tanques e aviões de guerra. Viu-se então a necessidade de uma ação social mais concreta, de modo aqui, temos, segundo Nadeau, a verdadeira transição do período intuitivo do surrealismo para o raciocinante, como já explicitado acima. Alguns anos mais tarde, em seu escrito *Qu'est-ce que le surréalisme?* Breton também deixará claro a importância da guerra em solo marroquino para essa passagem entre períodos do surrealismo.

A atividade surrealista diante desse fato brutal, revoltante, impensável [a guerra do Marrocos] vai ser obrigada a interrogar-se sobre os

²³ Compreendendo esse período com os anos de 1920 em diante, quando Breton, enraivecido com o caráter destrutivo dos dadaístas, começa a se distanciar. Ver: NADEAU, M. 1985, p.13-57.

²⁴ NADEAU, M. 1985, p.81.

seus próprios recursos, a determinar os seus limites; ela nos forçará a adotar uma atitude precisa, exterior a si mesma, para continuar a fazer frente aquilo que excede seus limites. Tal atividade está entrando agora em sua fase raciocinante. Ela sente de súbito a necessidade de transpor o fosso que separa idealismo absoluto do materialismo dialético.²⁵

Ora, se antes havia a discussão “ser surrealista ou revolucionário?”, como bem apontou Nadeau, a partir de agora nos parece claro que uma atividade não poderia estar desprendida da outra, já que de fato a essência surrealista está pautada, pelo menos a partir desse acontecimento, no materialismo dialético. Não seria possível, então, escolher ser ora surrealista, ora revolucionário, dado que a teoria desembocaria numa prática político-estético surrealista por si só. Vê-se que essa oposição dos surrealistas, junto dos intelectuais da *Clarté*, acende um fogo de esperança ante as políticas imperialistas e colonialistas adotadas até então, com forte apoio dos intelectuais sob o jugo de certo “nacionalismo”, ademais, a adesão do movimento ao Partido Comunista também alimenta as práticas anticoloniais, fazendo com que os intelectuais e artistas adeptos do surrealismo buscassem cada vez mais uma superação da colonização como ideologia. Vemos, não pela primeira vez, mas agora mais que nunca, uma oposição ao colonialismo vigente da França:

Intelectuais que ainda afirmavam, após a Segunda Guerra Mundial, a sua pertença ao surrealismo juntaram-se à extrema esquerda anticolonialista graças aos “acontecimentos” na Indochina e na Argélia. A intelectualidade do pós-guerra agarrou-se à bandeira anticolonialista porque percebeu que tinha chegado o momento da descolonização, que a mística colonial já não era sustentável no contexto do pós-guerra e que o povo colonizado está agora a exprimir-se.²⁶

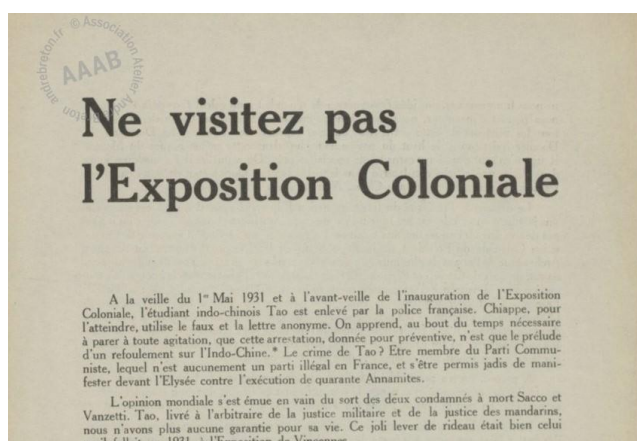
Esses acontecimentos, a guerra do Marrocos e, posteriormente, nos anos 1950, o Movimento de libertação da Argélia, que hoje já são entendidos como parte de um movimento de libertação colonial, no momento em questão passa despercebido como tal, contudo, os intelectuais mais atentos, como afirma Sophie Leclercq, não deixam de fazer uma revisão crítica no mesmo momento, principalmente no que tange à crítica de uma nação colonial, como fora o caso da França e como ocorre em metade da Europa. A aparição de lutas revolucionárias, sejam elas em qualquer esfera, faz com que o mito colonial caia por terra, agora o colonizado conquista o poder de voz, para lutar e defender suas próprias questões. Dessa maneira, o surrealismo também não deixa fugir ao tempo e firmam suas posições, contra a colonização, no movimento, não sendo essa uma

²⁵ BRETON apud Nadeau, 1985. P.84.

²⁶ LECLERCQ, Sophie. 2003. P.316.

característica nova, estando presente desde o seu fundamento (LECLERQ, 2003). Como explicitado no início, neste trabalho estamos longe de exortar ou defender o surrealismo ante a guinada do pensamento pós-colonial, principalmente no que tange às populações ultramar, contudo, causa um certo estranhamento quando há uma certa recusa por parte de certa tradição histórica e até mesmo artística, de negligenciar a posição anticolonista surrealistas.

Doravante a isso, em 1931, ocorre a abertura da exposição colonial, que acontece nas vizinhanças de Paris, Vincennes, que curiosamente fora presidida pelo Maréchal Lyautey, antigo General no Marrocos durante a colonização.²⁷ Sob a falácia de uma “missão civilizatória”, a França empreendeu uma longa exposição com cunho altamente propagandístico da sociedade imperialista.



Fonte: <https://www.andrebretton.fr/work/56600100711050>

A imagem em questão é um folheto fervoroso, escrito por Breton e assinado pelos surrealistas Paul Éluard, Benjamin Perét, Georges Sadoul, Pierre Unik, André Thirion, René Crevel, Aragon, René Char, Maxime Alexandre, Yves Tanguy, Georges Malkine; todos contra a barbaridade da colonização com vistas a denunciar a imagem da França progressista que ao mesmo tempo assassinavam e exploravam milhares de pessoas nos países colonizados. Essas manifestações feita pelos surrealistas, como a de 1931 ante a exposição colonial, não passa, de maneira alguma, por um solo político de conciliar as políticas coloniais ou até mesmo de humaniza-las, de outro modo, os surrealistas, ao adentrarem o campo da esquerda radical - com a aproximação com o PCF -, tomam as políticas radicais também como seu ponto de partida e como norteador das atividades do grupo, a questão aqui não é “parem com a exploração nos países colonizados”, mas sim

²⁷ MORETTIN, Eduardo. 2013, p.4-5.

“evacuem imediatamente os territórios colonizados”:

O dogma da integridade do território nacional, invocado para dar uma justificação moral a estes massacres, assenta num trocadilho insuficiente para fazer esquecer que não há semana em que não haja matanças nas colónias. A presença na plataforma inaugural da Exposição Colonial do Presidente da República, do Imperador de Annam, do Cardeal Arcebispo de Paris e de vários governadores e soldados, em frente ao pavilhão dos missionários, os da Citroën e Renault, expressa claramente a cumplicidade de toda a burguesia no nascimento de um conceito novo e particularmente intolerável: a exposição "Grande França" em Vincennes. Trata-se de dar aos cidadãos da metrópole a consciência dos proprietários que eles precisarão ouvir sem vacilar o eco de tiros distantes [...].²⁸

Existe aqui, claramente, um apelo aos discursos anticoloniais que, na época, eram minoritários na sociedade francesa, pelas empreitadas nacionais de vender e construir uma boa imagem das ações nacionais em suas colônias e de seu funcionamento longe da geografia européia. Entretanto, podemos ir mais além, e afirmar que os surrealistas ultrapassam a política de esquerda que estava presente no partido comunista francês naquele momento, porque estes entendiam a história dos povos somente a partir de suas lutas. Os surrealistas, por sua vez, buscam, além disso, um entendimento dos povos a partir de uma dimensão cultural e estética, trazendo a discussão do “Outro” do “Não-Occidental”, para dentro de suas representações na cultura e nas artes no geral. A aproximação com o partido comunista, com os amigos da revista *Clarté* e até mesmo a atividade do grupo de maneira interna, demonstra que para os surrealistas, a partir do segundo manifesto, suas produções estarão sendo visadas para um novo modo de enxergar o mundo, esse reencatamento também passa pelo campo cultural e sem a política, isso jamais seria possível de acontecer. Contudo, é interessante notar como o modo pelo qual a história da arte tratou o surrealismo foi uma redução a uma dimensão estilística apolítica, se é que é possível falar de apoliticização nos tempos históricos. Michael Löwy, teórico do surrealismo, nos atenta como o movimento ultrapassa essas fronteiras de “escola artística” e vai muito mais além:

O surrealismo não é, nunca foi e nunca será uma escola literária ou um grupo de artistas, mas propriamente um movimento de revolta do espírito e uma tentativa eminentemente subversiva de re-encantamento do mundo, isto é, de restabelecer, no coração da vida humana, os momentos "encantados" apagados pela civilização burguesa: a poesia, a paixão, o amor-louco, a imaginação, a magia, o mito, o maravilhoso, o sonho, a revolta, a utopia.²⁹

²⁸ Fragmento do discurso presente no folheto *Ne visitez pas l'Exposition Coloniale*. Ver: <https://www.andrebretton.fr/work/56600100711050> (Tradução do autor).

²⁹ LOWY, Michael. 2002, p.9

De certo que, no momento em questão, nenhum dos surrealistas, ao menos não os que estavam no círculo francês, pensavam na questão da anticolonização, ou qualquer que seja a classificação que demos contemporaneamente. No entanto, as posições tomadas pelo grupo, antes e depois da adesão ao PCF, mostram tais posições já estavam postas ali naquele momento. Quando vemos, por exemplo, Michael Lowy falando sobre os mitos levantados e sustentados pelos surrealistas, é por detrás disso que aparece também o discurso contrarracional que o grupo francês e parisiense tanto presava. Se a atividade surrealista consistiu, em algum momento, em quebrar os mitos levantados e sustentados pela sociedade ocidental e colonizadora do XIX e XX, ela também passou pelo momento de levantar e sustentar o que alguns autores como Leclercq e Lowy chamam de “contramitos”. Essa ideia de contramitos, que alguns revisores do surrealismo sustentam, também é ancorada pelo próprio grupo surrealista, a partir do momento em que a atividade do grupo se concentra em ter um olhar mais atento às coisas que estavam sendo construídas fora do polo intelectual-artístico-político, a Europa. Dessa maneira, pensar a teoria surrealista é o lugar de pensar também a recepção do “Outro”, categoria subjetiva criada para diferenciar quem é ou não civilizado, mas também pensar a construção da imagem desse “Outro”, passando por questões de exotificação, idealização romântica e fetiche que estavam impregnados no momento em questão. Acredito que o desafio, aqui, não seja o de revisitar a história do movimento a partir dessas epistemologias contemporâneas, mas sim o de como conciliar a atividade surrealista anticolonial que também estava impregnada de construções fetichizadas e exotificadas dos povos de fora da Europa.

2.2 – A iconografia do colonizado, ou o fetiche do Outro no surrealismo

A construção da imagem do povo colonizado, do povo marginalizado ou como fora adotado pela antropologia moderna, do outro, passa por várias camadas imagéticas que desempenham afirmações anedóticas na visão social que o ocidente tem desse outro indivíduo. No campo das artes, isso fica bastante acentuado, pois não se estuda as artes de outros continentes a partir do que está sendo produzido lá, mas sim pelas teorias que estão sendo aplicadas sobre elas, principalmente quando falamos do continente africano ou quando se tem em mente a arte produzida pelos indígenas, vide a era moderna das

artes; passamos por Matisse, Derian e Picasso, antes de chegarmos de fato ao que seria a escultura africana e, quando chegamos, a história da arte compreendeu esse fenômeno a partir de teorias produzidas por pessoas brancas, sem a visão racista e ocidental que era notada antes, como viu-se em Carl Einstein. Contudo, falar do Outro sem estar conectado a mesma raça, etnia ou até mesmo localização geográfica, sempre vem com uma visão carregada de pré-conceitos, construído através de imagens, teorias e práticas que também eram carregadas tais fenômenos, caindo no lugar de exotificação desse Outro.

A esse respeito, Achille Mbembe (2018), traz para a discussão a recepção do negro e de sua “não-identidade” sendo representada no auge da arte francesa e as razões do exotismo presente em cada uma dessas representações. Em *Crítica da razão negra*, em seu segundo capítulo, o autor aborda a questão de saber como os artistas das mais variadas áreas, dos pintores aos poetas, representaram esse Outro, da pele negra, vindo das terras longínquas e imbricados de mistérios de forma exotificada e idealizada, pelo próprio ocidental que nunca se preocupou em representar de maneira real o que, Mbembe, denomina como sendo o irrepresentável:

O segundo traço distintivo da lógica francesa de designação racial foi a prática do encobrimento, da desfiguração e do travestimento. No caso que nos interessa, a designação do escravo negro ao campo do irrepresentável e daquilo sobre o que nada se quer saber não é o equivalente a uma interdição pura e simples da figuração ou da encenação do negro. Pelo contrário, desde a sua origem, a lógica francesa das raças sempre operou por meio da anexação do outro racial e seu encobrimento pela tripla trama do exotismo, da frivolidade e da diversão.³⁰

Dessa forma, a figura do negro no campo cultural do ocidente colonial, aparece sempre coberta por uma espécie de véu, antes um véu que fora capaz de explorar e matar, agora, o véu se apresenta no encobrimento das feridas abertas, no travestimento do negro na forma branca, e mais ainda, se apresenta na forma de objetificação do corpo e da identidade desse negro irrepresentável. Nesse sentido, o autor apresenta algumas das figuras que fazem isso com maestria como Chateaubriand, Baudelaire, Apollinaire, Picasso e Matisse, isso porque, sempre que se propõem em representar nas suas obras esses traços negros, eles sempre aparecem de uma maneira muito descontraída, arraigada de frivolidades, idealizações e fetiches (MBEMBE, 2019). O corpo negro sendo representado sob a óptica do branco-ocidental-colonial, nunca pode aparecer de modo a

³⁰ MBEMBE, Achille. 2018. P.126.

evocar a violência que fora e que ainda é submetido. O que se representa, na verdade, é a perfeita substantivação do negro feita pela lente branca-colonial. Nesse sentido, o surrealismo, ainda que tenhamos reconhecido neste trabalho a esfera revolucionária do movimento, também pode se aproximar dessa visão exotificada dos povos não ocidentais, visto que o movimento é produzido e gerido, em um primeiro momento, por um círculo de homens brancos que estavam envoltos da epistemologia colonial.

Assim, Els Lagrou (2008), traz para a discussão um problema que tenta ser sanado desde o surgimento dos estudos pós-coloniais, mas que ainda está longe de se esgotar, a questão da “Fantasia primitivista”. A autora evoca em seu texto vários outros críticos e historiadores do surrealismo a fim de trazer a tona essa visão “romantizada” que eles adotaram ante a cultura não ocidental, sem de fato ter tido contato com ela. Essa fantasia primitiva cai no lugar do homem branco estar sempre enxergando o indivíduo negro no lugar da fantasia e do mágico, entendendo que, pelo fato de viverem de maneiras e com costumes diferentes, estes teriam acesso a um certos tipos de “processos psíquicos”, segundo a própria autora, que os brancos ocidentais não teriam, como se esses “outros” tivessem em um lugar de privilégio (LAGROU, 2008).³¹ Dessa forma, essa fantasia primitiva se traduziria na prática surrealista a partir do momento em que os poetas, artistas visuais ou qualquer outra classe dentro do movimento se apropriavam de objetos de outras culturas, retirando-os de seus contextos tradicionais, sociais e religiosos, para transfigura-los em outros sentidos em uma nova roupagem dentro da sua poética artística.

Muito da historiografia do surrealismo reconhece que, após o período entre guerras, o movimento começa a perder um pouco mais o seu caráter revolucionário e também a sua força de atuação em solo francês, ficando preso, por muitas das vezes, em discussões que naquele momento já não tinham tanta relevância assim. Isso pode ser entendido pelo fato de muito dos adeptos do surrealismo, como o próprio fundador do movimento, terem sido forçados a se refugiarem em outros países por conta de perseguições políticas. Entretanto, outro fato que podemos trazer para entendermos melhor esse momento é o fortalecimento e o surgimento de epistemologias anticoloniais

³¹ Pode-se aqui tratar de várias esferas que imbricam, de alguma forma, nessa discussão, desde o problema do capital, no modo de que as sociedades que não tinham tido contato com o modelo de produção capitalista se compreendiam subjetivamente de um outro modo, propondo uma outra cosmovisão e maneira de se colocar no mundo e ante os fatos que nele se apresentam, mas pode-se tratar também no campo epistemológico, visto que o ocidente a todo custo tenta suprimir o papel dos afetos e dos sentidos na produção de conhecimento.

sendo produzidas, agora, na perspectiva dos indivíduos que foram colonizados.

O caráter político e revolucionário do movimento comunista não é apagado por essas questões, da exotificação, do fetichismo e da “surrealização” de culturas que sequer pensavam na mesma lógica que o ocidente, no entanto, configuraria uma impostura intelectual passar pela história do movimento, falando de sua política e de suas atividades sem trazer em seguida essa crítica que, como já dito acima, fica longe de se esgotar. O que nos interessa aqui é a maneira pela qual o surrealismo se enraizou enquanto uma estética extremamente política no continente europeu, trazendo todas as questões problemáticas e violentas da colonização que, até aquele momento, eram extremamente ignoradas pela intelectualidade européia e francesa e, mais do que isso, nos interessa como os indivíduos colonizados que estavam na França naquele momento, como grande parte dos estudantes negros oriundos das Américas e da África, apropriar-se-iam da vanguarda e usaram desta também como instrumento de luta revolucionária em seus territórios, como é o caso da Martinica.

Os surrealistas muito fizeram pelo anticolonialismo, isso é inegável, entretanto, ainda embebidos de teorias e práticas coloniais que independiam de atores individuais, pois estavam enraizados na estrutura da Europa colonial decadente. O que se faz agora é investigar como a teoria surrealista se dá fora do território europeu, que já sedimentada, se ramifica por vários territórios colonizados. Agora é a vez do surrealismo periférico mergulhar no seu inconsciente para transformar não só o seu território, mas também a sua identidade.

3 – Martinica encantadora de serpentes, ou o mergulho no inconsciente negro

No empreendimento do surrealismo, há fatos que não podem ser negados em nenhuma análise e, portanto, não serão negados neste trabalho. Os surrealistas parisienses foram, sem dúvida, a frente do seu tempo no círculo intelectual e artístico de sua época, especialmente ao abordar questões relacionadas à raça e à colonialidade em suas práticas. Eles não apenas exploraram essas questões, mas também as integraram profundamente em suas obras, desafiando as normas estabelecidas e propondo novas formas de pensar e ver o mundo. Os surrealistas franceses desempenharam um papel crucial na disseminação do movimento para territórios ultramarinos, esse alastramento possibilitou que os colonizados, anteriormente vistos apenas como objetos de exotificação e colocados em

um pedestal idealizado, se apoderassem da palavra e a utilizassem de maneiras que subvertessem as narrativas impostas. Assim, nota-se que o surrealismo não permaneceu confinado à França, mas viajou e ressoou em corpos, identidades e epistemologias diversas ao redor do mundo. Esses novos contextos se apropriaram da estética e da política surrealista como instrumentos de luta e transformação, adaptando e reformulando o movimento para se adequar às suas próprias realidades. O surrealismo, então, se tornou uma ferramenta para expressar resistência e para buscar a emancipação, influenciando profundamente o engajamento artístico e político ao redor do mundo. Neste último capítulo do trabalho, abordaremos como o surrealismo viaja e chega até a Martinica, terra de epistemologias e resistência preta.

A conquista de uma consciência racial por parte dos estudantes negros da Martinica que estavam na França na década de 1930 mudou completamente o rumo da pequena ilha das Índias Ocidentais. Durante os quase 300 anos da empreitada colonial no território martinicano, a política que imperava sobre a população negra escravizada era a da assimilação.

René Ménil, em seu livro *Las Antillas Ayer y Hoy*, traz para a discussão como existem diferentes formas de exotificação. Para o autor, o fenômeno de ser exótico ocorre quando dois indivíduos de diferentes lugares se olham face a face, fazendo com que aquele que observa veja o outro como exótico. No entanto, no decorrer do jogo, ele também passa a ser observado e toma para si o adjetivo. Contudo, a partir do momento em que ocorre a interação e ambos passam a conhecer mais a fundo a cultura um do outro, esse fenômeno desaparece:

Só quebrando os limites desta consciência idílica pode o estrangeiro conhecer o estrangeiro no seu drama, como sujeito profundo e rico. O exotismo é, portanto, um primeiro momento das relações entre um país e outro, entre um povo e outro. Mas esse momento deve ser ultrapassado e negado para chegar à verdade do homem que até aquele momento só era percebido na visão exótica.³²

Menil fala desse exotismo normal e cotidiano, que ocorre não só entre culturas e povos, mas no dia-a-dia do ser humano ao se deparar com algo novo. Esse “algo” toma o lugar de exótico. Entretanto, existe outro tipo de exotismo, o chamado exotismo colonial³³, que é mais perverso e foi, junto das políticas de assimilação, responsável por minar o imaginário cultural e social da Martinica negra. Esse exotismo colonial fazia com

³² MÉNIL, René. 1978. P.26. (Tradução do autor)

³³ Ver subcapítulo 2.1.

que os martinicanos negros buscassem sempre fazer parte, inextricavelmente, de uma cultura francesa e branca.³⁴

A interação colonial entre a França e suas metrópoles no século XX produz uma série de políticas com o intuito de amenizar os efeitos da colonização nos territórios de fora da Europa, uma dessas políticas é o agenciamento de bolsas de estudos aos estudantes colonizados, possibilitando uma formação superior na metrópole, isso ocorre não só nas ilhas caribenhas, mas também no continente africano, proporcionando uma maior interação e integralidade aos estudantes negros daquele período, dando continuidade ao chamado internacionalismo negro.

Durante a década de 1930, a França tornou-se um ponto focal para muitos estudantes negros provenientes de colônias francesas e outros territórios africanos. Esse período foi marcado por um intenso movimento intelectual e político entre esses estudantes, não só pela novidade de estar estudando na metrópole, mas também por encontrarem um terreno fértil para o desenvolvimento de suas consciências políticas e raciais. Ao chegarem na França, principalmente em Paris, esses jovens estudantes encontraram um ambiente repleto de efervescência cultural e intelectual, a capital francesa era, na época, um centro de vanguarda artística e literária, abrigando movimentos como o próprio surrealismo, esse ambiente ofereceu aos estudantes negros um espaço para explorar e expressar suas próprias identidades e aspirações. No entanto, ao mesmo tempo em que estavam imersos nesse ambiente de fertilidade política e cultural, esses estudantes negros também enfrentavam as mazelas do racismo, obviamente e notadamente mais incisivo, isso porque a sociedade francesa, apesar de seus ideais de liberdade, igualdade e fraternidade, ainda carregava profundos vestígios da empresa colonial vigente. Dessa maneira, esses jovens estudantes foram confrontados com a realidade de que, apesar de estarem na metrópole, eles também sofreriam com a segregação racial e de classe, sendo vistos como indivíduos inferiores.

3.1. – Légitime Défense, revista-manifesto

Diante desse paradoxo, observa-se um fenômeno interessante entre esses estudantes e principalmente em um grupo específico como Aimé Césaire, Léon Damas,

³⁴ A esse respeito, Frantz Fanon aborda perfeitamente no primeiro capítulo de *Pele Negra, Máscaras Brancas, O Negro e a Linguagem* demonstrando como, através da assimilação da língua francesa, o homem negro martinicano estaria mais próximo do “homem verdadeiro”, ou seja, o homem da metrópole, abandonando assim a sua condição de “selvagem”. Fanon argumenta que a língua é um poderoso instrumento de controle cultural e social, e que a imposição do francês sobre os colonizados servia para perpetuar a dominação e a subjugação colonial.

René Ménil, Léopold Sédar Senghor, Suzanne Césaire, Étienne Léro e entre outros, que foi o forte senso de coletividade e solidariedade, fazendo nascer um novo modo de se entender naquela sociedade, pois se não eram vistos como autênticos cidadãos franceses, então eles se agrupariam entre seus iguais para poderem falar de sua própria identidade, através de reuniões em círculos políticos e artísticos, em que poderiam compartilhar suas experiências individuais e coletivas.

A França dos anos 20 acompanhou os desenrolares das conferências sobre o negro nas américas, encabeçados por Du Bois e por isso o florescimento de um internacionalismo negro e foi nesse momento, com apenas um intervalo de três anos entre elas, que vai surgir duas das revistas responsáveis por promover e divulgar essas discussões em território francês, mas também fora dele; em 1932 surge a revista *Légitime Défense* e em 1935 surge a *L'étudiant Noir*. Ambas são encabeçadas por alguns estudantes que faziam parte desse círculo negro do Quartier Latin em Paris, entretanto, apenas a segunda se manterá em publicação por mais de um volume.

Légitime Défense nasce como uma espécie de revista-manifesto, em um primeiro momento encabeçada por Monnerot, Léro e Ménil, com fim de proclamar a adesão dos estudantes negros martinicanos ao surrealismo e, consequentemente ao marxismo, mas também para se desvencilhar de certo modo do círculo parisiense francês, que já haviam rompido com o PCF e sinalizado a impossibilidade de adesão a essa corrente política de forma exclusiva. O grupo martinicano se mostrava sensível aos dois movimentos em questão, ao marxismo pelo seu teor político revolucionário, ancorando-se no materialismo dialético capaz de fazer as estruturas da sociedade se moverem; enquanto isso, o surrealismo se mostra como uma forma de expressar o primeiro movimento, movendo-se de maneira subversiva entre as frestas sociais já estabelecidas, o movimento apresenta uma janela política e poética dentro da sociedade moderna francesa que se fincava cada vez mais nos binarismos antigos: colônia-metrópole; colonizado-colonizador; homem-mulher; preto-branco. A primeira e única edição da revista, assinada por todos os membros fundadores e outros participantes esporádicos, traz o compromisso com ambas as correntes em palavras de ordem:

Este é apenas um aviso. Gostaríamos de nos comprometer completamente.

Temos certeza de que existem outros jovens além de nós, capazes de assinar o que escrevemos e que se recusam - na medida em que ainda é compatível com a continuação da vida - a lidar com a ignominia circundante. E temos para todos aqueles que - consciente ou não- procuram através do seu sorriso, do seu trabalho, da sua exactidão, da sua correcção, das suas palavras, dos seus escritos, das suas acções e das suas pessoas, fazer crer que tudo pode

continuar assim. Aqui nos levantamos contra todos aqueles que não são sufocados por este mundo capitalista, cristão, burguês do qual em nosso corpo defendendo fazemos parte. O Partido Comunista (III ° Interna-tionale) está jogando em todos os países a carta decisiva do «Espírito» (no sentido hegeliano deste termo). Seu de-faite, se por impossível o envisamos-gions, seria para nós o definitivo «Não posso mais». Acreditamos sem reservas em seu triunfo e isso porque nos reclamamos do materialismo dialético de Mara, subtraído de qualquer interpretação tendenciosa e vitoriosamente submetida ao teste de fugas por Lenin. Estamos prontos para cumprir neste campo a disciplina exigida por tais convicções. No nível concreto das formas figuradas da expressão humana, também aceitamos sem reservas o surrealismo ao qual - em 1932 - ligamos nosso futuro.³⁵

Neste ponto, podemos ressaltar como o grupo de martinicanos compreendem, instrumentalizam e se apropriam do comunismo já para além de uma política de metrópole, buscando em seu cerne análises que caibam no território ultramar, fazendo críticas políticas à burguesia de cor da Martinica, que ancorando-se na assimilação, produzia o mesmo tipo de opressão que a sociedade burguesa francesa:

Vindo da burguesia de cor francesa, que é uma das coisas mais tristes do mundo, declaramos - e não voltaremos a esta declaração - diante de todos os cadáveres administrativos, governamentais, parlamentares, industriais, comerciantes, etc..., que ouvimos, traidores a esta classe, ir tão longe quanto possível no caminho da traição. Nós cuspiamos em tudo o que eles amam, veneram, em tudo o que eles obtêm de surpimento e sua alegria. E todos aqueles que adotarem a mesma atitude que nós serão, de onde quer que venham, bem-vindos entre nós.³⁶

O que nos interessa. aqui, é como já na primeira edição da revista, os integrantes estão preocupados não com o cenário político da França naquele momento, mas sim com o cenário social e político da Martinica que, naquele momento, era tomado por uma grande burguesia de cor, entendidos por eles como “os negros educados”, justamente pelas políticas assimilacionistas que a metrópole francesa imputou neles. Nesse momento, os estudantes negros já estavam preocupados em uma transformação de espírito e social, sob a ótica e linha teórica do surrealismo e do marxismo. O conteúdo da revista faz com que apenas um número seja publicado por todo território parisiense, fazendo com que o grupo saia de atividade por alguns anos, retornando apenas três anos depois um pouco mais coesos e mais fortalecidos de integrantes.

3.2. – L'étudiant Noir, o internacionalismo negro

Três anos depois surge a revista *L'étudiant Noir*, em 1935, composta por um grupo maior de estudantes, reunindo agora no centro das discussões pessoas vindas não

³⁵ LÉGITIME DÉFENSE. Légitime Défense. No. 1, 1932. P. 1. (Tradução do autor)

³⁶ LÉGITIME DÉFENSE. Légitime Défense. No. 1, 1932. P.2. (Tradução do autor)

só do Caribe, mas também da África. Entre os fundadores estavam figuras proeminentes como Aimé Césaire, Léopold Sédar Senghor e Léon-Gontran Damas, que mais tarde se tornariam figuras de liderança em seus países, não só intelectualmente, mas também politicamente. A revista, que conseguiu sobreviver algumas edições a mais que a sua irmã mais velha, tornou-se uma plataforma crucial para a articulação de ideias sobre a negritude, não ainda a do movimento que conhecemos, e também de identidade africana. A *L'étudiant Noir* abordava questões como a colonização, o racismo, a cultura africana e a necessidade de um renascimento cultural entre os povos negros, sendo eles das Américas, das Antilhas ou da Europa, e foi através desses escritos que esses estudantes começaram a construir uma nova e subversiva narrativa que valorizava suas heranças culturais e resistia à assimilação colonial, sempre se pautando nas políticas comunistas e no movimento surrealista, principalmente pelas figuras de Réne Ménil, Aimé Césaire e, mais tarde, Suzanne Césaire. Essas figuras são citadas não à toa, principalmente no que diz respeito a uma verdadeira atividade negra surrealista naquele momento e posterior a ele, já em território martinicano. Por mais que a *L'étudiant Noir* durasse muito mais tempo em atividade que a *Légitime Défense*, atualmente é muito mais fácil ver a circulação por meios eletrônicos da primeira, não só pelo fato da sua ligação direta com o círculo parisiense surrealista³⁷, mas também pela adoção da revista como manifesto em países periféricos da América do Sul, como no México.

3.3. – O Surrealismo Negro

Não é uma tarefa fácil e nem mesmo rápida tentar condensar a história do surrealismo negro apenas em um subcapítulo, entretanto, ficaremos detidos aqui apenas na apresentação de como o surrealismo foi instrumentalizado fora de sua metrópole e como ele se comporta dentro de um território colonizado. Essa apresentação se pautará na figura de três personalidades importantes para o nosso trabalho, a saber: Aimé Césaire, Suzanne Césaire e Réne Ménil, responsáveis não só por encarnar as figuras de poetas negros surrealistas, mas também responsáveis por moldar e difundir o que entendemos hoje enquanto surrealismo negro. Em última análise, veremos aparecer a figura da terceira revista importante para esse momento, a *Tropiques*, canal utilizado por esses intelectuais para ecoar as vozes do mergulho negro em seu próprio inconsciente.

A *Tropiques* foi uma revista cultural e literária lançada em março de 1941 na

³⁷ Em 1926, André Breton lança na *Revue La Révolution Surréaliste* um texto intitulado “*Légitime Défense*”. O nome da revista nasce de uma apropriação direta desse texto por parte dos estudantes negros.

Martinica, no Caribe. Fundada por Aimé Césaire, sua esposa Suzanne Césaire, e o intelectual René Ménil, logo a veio a se tornar um dos canais de difusão de ideias anticoloniais pelo território caribenho, promovendo a valorização da cultura e identidade negra em um período marcado pelo governo de Vichy que, em 1943 proíbe a circulação da revista e pela burguesia de cor que se esforçava para manter a tradição da cultura francesa viva naquele local. Suzanne e Aimé, aprofundam esse momento para abordar um pouco mais a fundo como eles entendiam o surrealismo e mais especificamente, o surrealismo negro. Entretanto, alguns anos antes, Aimé Césaire é responsável pela publicação do que viria a ser conhecido como o poema que dá abertura ao movimento da negritude, em seu *Diário de um retorno ao país natal*:

Minha negritude não é uma pedra, surdez arremessada contra o clamor do dia.
Minha negritude não é uma mancha de água morta sobre o olho morto da terra.
Minha negritude não é uma torre ou uma catedral. Ela mergulha na carne vermelha do solo. Ela mergulha na carne ardente do céu. Ela rompe o desânimo opaco com a sua justa paciência.³⁸

Nessa estrofe, o poeta vai inaugurar o que conhecemos como o movimento da Negritude. Contudo, em toda construção do diário, Césaire explora os limites da linguagem, assim como o fez no título da revista *L'étudiant Noir*. As palavras *Negro* e *Preto*, respectivamente *Nègre* e *Noir*, em francês, têm duas conotações diferentes quando dirigidas a um indivíduo afrodescendente e, por muito tempo, o *Noir* foi a palavra utilizada como politicamente correta para se referir a ele, dado que *Nègre* está justamente relacionado com a esfera colonial. Entretanto, ao explorar a linguagem colonial na construção do diário, Césaire faz coexistir o dialeto Créole, uma apropriação do francês com algumas variações de idiomas africanos, trazendo a linguagem do colonizador como um apetrecho a sua variação. Em *Le masque des mots*, longa-documentário filmado por Sarah Maldoror, em 1987, no qual a figura central é o poeta, ele fixa dois pontos importantes do surrealismo em sua obra: o primeiro é o chamado do surrealismo para além da razão discursiva, sendo razão essa traduzida na forma de linguagem, no caso a francófona, em que colocava e coloca, o povo colonizado em uma espécie de armadura fixa e imóvel, não possibilitando a liberdade de se traduzir a sua própria realidade; Césaire explica que a partir do surrealismo, o poeta e a sua poesia ganha uma espécie de liberdade,

³⁸ CÉSAIRE, Aimé. 2021. P.65.

quebrando essa imobilidade, ele entende a linguagem surrealista como a própria tradução de liberdade, sobretudo, em suas obras; outro ponto importante e esse talvez seja o mais importante, é a questão do inconsciente, tema tão caro aos surrealistas parisienses e também será a Aimé e para os surrealistas francófonos fora de Paris. O surrealismo propiciava aos indivíduos um mergulho fecundo ao inconsciente, fazendo-os enxergar para além dessa realidade racional. Esse tema também se tornará caro a Césaire, pois em *A máscara das palavras*, ele nos conta que para a corrente negra do surrealismo, esse mergulho se daria também no inconsciente, mas não no inconsciente puro e sim no inconsciente ancestral, de modo que esse mergulho seria, acima de tudo, um mergulho nas raízes africanas do indivíduo negro.

Esse debate da linguagem nos é caro porque é justamente a partir disso que a revista *Tropiques* nascerá. Ali Suzanne Césaire publicará alguns artigos inflamados que corresponderão a linha intelectual de seu marido. Aimé e ela vão compreender que o surrealismo pode ser para o negro, na verdade, um instrumento de liberdade através da palavra surrealista, aqui encarnada na figura da poesia, dando o suporte necessário para que o negro denuncie a sua condição de colonizado, através da quebra dos grilhões da linguagem colonial. Em um artigo intitulado *Miséria de uma poesia* (1942) a intelectual e também poetisa declara: “A poesia da Martinica será canibal ou não será”. Esse canibalismo, vez ou outra, aparece não só nos escritos de Suzanne, mas também nos de Aimé, como o próprio diário, nos levando a crer que essa canibalização da poesia, na verdade, já está traduzida no próprio poema, a partir do momento que ele [o poema] se desvencilha das regras formais de escrita, fazendo uma simbiose da cultura ancestral, na figura do dialeto, com a cultura miscigenada³⁹ a partir da colonização. Assim, pode-se compreender que, em um primeiro momento, o surrealismo negro usou, mas não exclusivamente, a poesia como instrumento revolucionário de luta contra a colonização, e isso fica demonstrado, ainda que minimamente, na figura do casal Césaire.

Nesse instante, já podemos nos atentar em como a poesia ganha local de destaque dentro da produção surrealista negra, não só o casal Césaire, mas também o intelectual René Ménil, também dentro da *Tropiques*, vão se utilizar da arte da palavra para denunciar um sistema colonial em andamento no território martinicano.

³⁹ Nesse trabalho não compreendo a colonização como um fenômeno já terminado. Acredito, na verdade que, nos dias atuais, podemos apenas lidar, de maneira combativa ou não, com as consequências de tal acontecimento. Explicito isso não só pelo fato do uso da palavra ‘miscigenada’, mas também pela interrogação pessoal de se utilizar ou não da cultura colonial [como a própria linguagem].

Réne Ménil, dentro do seu campo de atuação na *Tropiques*, também irá explorar o sentido da palavra surrealista, entendendo que é só a partir dela que o negro martinicano conseguiria de fato expressar a realidade profunda da experiência das Antilhas. Nesse sentido, Ménil denunciava a burguesia de cor, alienada na realidade colonial que distorcia a realidade caribenha, fazendo-os acreditar na falácia de que só a cultura colonial era civilizada e educada. Nesse sentido, a revista articulou dentro do território martinicano um espaço propício para a difusão das ideias surrealistas, agora instrumentalizada pelo próprio negro, desempenhando um papel ativo no discurso anticolonial dentro do movimento.

O surrealismo negro, ao menos em seu início, se pauta então na utilização da linguagem surrealista como instrumento de libertação, como a própria Suzanne Césaire aborda em seu artigo de 1943, *o surrealismo e nós*, no território colonizado o movimento surrealista se traduz na força motriz e subversiva da palavra, para que só assim se possa expressar a sua realidade, promovendo assim uma nova realidade de consciência racial e social. Além disso, esse aspecto é ilustrado de forma mais clara no ensaio de André Breton, *Un Gran Poeta*. Nesse ensaio, Breton narra sua viagem de exílio em 1941, durante a qual, por acaso, encontra a revista *Tropiques* em uma venda local. O poeta fica profundamente impressionado pelas palavras do primeiro volume da revista. Dias depois, ele finalmente conhece Aimé Césaire e o declara como um dos maiores poetas de língua francesa fora da França diagonal.⁴⁰ O surrealismo aparece aqui como um instrumento de luta e liberdade para os povos colonizados.

Considerações finais

No início desse trabalho abordamos que não seria necessário exortar uma teoria anticolonial do surrealismo, justamente por ela já estar presente em seu cerne. O intuito na verdade era demonstrar como que, sob diferentes perspectivas, um círculo do surrealismo foi mais valorizado que outro, apagando a importância dos surrealistas negros e deixando uma lacuna grande e perigosa dentro da historiografia do movimento.

O surrealismo negro surge como uma possibilidade de dar voz para aqueles que, desde início das empresas coloniais tiveram a sua voz apagada, de modo a reinserir, dentro da historiografia do movimento, esse importante momento do surrealismo. Neste sentido, entende-se o surrealismo negro não como um simples mergulho no inconsciente,

⁴⁰ Breton, André. 1948. P.49.

com o fim de acabar com as linhas que delimitam o real e o irreal, mas para além disso, o surrealismo negro faz o uso desse mergulho para retornar às suas raízes ancestrais, a fim não só de se reencontrar com o seu eu-ancestral, mas fazendo dele um motor potente para o fim da cultura colonial em nossos inconsciente, retornando a uma das grandes poetisas do movimento, Suzanne Césaire, o surrealismo continua sendo uma corda estirada de esperança para os povos de cor.

Referências bibliográficas

- ADORNO, Theodor W.; HORKHEIMER, Max. **Dialética do Esclarecimento**. Tradução de Guido Antônio de Almeida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.
- ARAGON, Louis. **Le Paysan de Paris**. Gallimard Education, 1998. Paris.
- Black, brown, & beige: surrealist writings from Africa and the Diaspora**. Texas Press, 2009.
- BRETON, André. **Manifestos do Surrealismo**. Trad. de Luiz Forbes, São Paulo: Brasiliense, 1985.
- _____. **Martinica encantadora de Serpientes**. Trad. de Rodolfo Alonso, Espanha, 1948.
- _____. **Qu'est-ce le surréalisme?**. Paris: Sucession André Breton, 1992.
- _____; TROTSKY, Leon. **Por Uma Arte Revolucionária Independente**. Trad. de Carmem Sylvia Guedes e Rosa Maria Boaventura, São Paulo: Paz e Terra, Coleção Pensamento Crítico, vol. 60, 1985.
- CHENIEUX-GEDRON, Jacqueline (org). **História do movimento e sua teorização progressiva**.
- In: J. Guinsburg & Sheila Leiner. **O surrealismo**. Tradução Mario Laranjeira. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- CÉSAIRE, Suzanne. **A grande camuflagem**. São Paulo: Papéis Selvagens, 2021.
- CÉSAIRE, Aimé. **Diário de um retorno ao país natal**. Trad. de Lilian Preste de Almeida, São Paulo: EDUSP, 2021.
- _____. **Discurso sobre o colonialismo**. Trad. de Claudio Willer, São Paulo: VENETA, 2020.
- _____. **Discurso sobre a negritude**. Trad. de Ana Maria Gini Madeira, Belo Horizonte: NADYALA, 2010.
- DA SILVA, Vitória Maria Dias. **Trópicos invisíveis: o surrealismo de Maria Martins**. 2021.
- EVORA, Reboredo Gabriela. **Da embriaguez à infância: a arte política surrealista em Walter Benjamin e Theodor Adorno**. 2021.
- FARIAS, Niraldo J. **O surrealismo na poesia de Jorge de Lima**. Rio Grande do Sul: EdIPUCRS, 2003.
- GIRALDES, Marcos. Surrealismo - acaso e revolução. In: **O Acaso e o Desencontro. As Manifestações de 2013 ao Golpe de 2016**. Rio de Janeiro: Ed. Grammond, 2017.

- HUSSAK, PEDRO. **Algumas inquietações sobre estética e etnografia**. VISO: CADERNOS DE ESTÉTICA APLICADA, v. 15, p. 26-44, 2022.
- LECLERCQ, Sophie. **Le Colonialisme Mis À Nu**. Paris: Les Éditions du Seuil, 2003.
- LÉGITIME DÉFENSE. **Légitime Défense**. No. 1, 1932. Disponível em:
- LOPES, Filho. **A genealogia do progresso – concepções a partir do iluminismo europeu**. P.166.
- PIERUCCI, Antônio Flávio. **O desencantamento do mundo: todos os passos do conceito em Max Weber**. São Paulo: Ed. 34, 2003.
- LÖWY, Michael. **A Estrela da Manhã: Surrealismo e Marxismo**. Trad. de Eliana Aguiar, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.
- Lagrou, Elsje. “A arte do Outro no surrealismo e hoje”. *Horizontes Antropológicos*, vol. 14, n° 29 (2008), pp. 217-230.
- MICHEL, Jean-Claude. **The black surrealists**. Nova York: PETER LANG, 2000.
- MBEMBE, Achille. **Crítica da Razão Negra**. Tradução de Marta Lança. São Paulo: N-1 Edições, 2018.
- MÉNIL, René. **Las Antillas Ayer y Hoy**. La Habana: Casa de las Américas, 1978.
- Nadeau, M. **História do surrealismo**. Perspectiva: São Paulo, 1985.
- RABAKA, Reiland. **The negritude moviment**. Washington, DC: LEXINGTON BOOKS, 2015.
- TOLEDO, Magdalena Sophia. **Légitime Défense: o surrealismo negro, anticolonialismo y la producción de la identidad martinicana**. AISTHESIS, v. 64, p. 119-137, 2018.

FILMOGRAFIA

- AIMÉ CÉSAIRE, **a máscara das palavras**. Sarah Moldoror. Martinica: Produção Independente, 1987. (46min).
- Acessado em: 16/01/2024